

# FACULDADE CATÓLICA DE BELÉM – FACBEL



## ***INTRODUÇÃO.***

Entendemos por Teologia Espiritual a análise sistemática da espiritualidade cristã. Assim denominada, a Teologia Espiritual é uma das mais jovens dentre as disciplinas teológicas, mas também a mais antiga. Foi oficialmente introduzida no currículo oficial da Igreja Católica somente em 1931, por Pio XI (1922-1939), mas trata, na realidade, do que sempre constituiu a preocupação central dos primeiros autores cristãos durante todo o primeiro milênio: a vida voltada para a perfeita união com Deus, por Cristo e no Espírito.

## ***À TEOLOGIA ESPIRITUAL.***

A reflexão sobre a vida cristã é tão antiga quanto o próprio cristianismo. Jesus é a fonte a que recorrem seus discípulos para estabelecer as expressões da fé e as exigências éticas e espirituais que devem ser acolhidas pelas comunidades cristãs, chamadas ao seguimento de Jesus.

A Teologia que se fazia nas comunidades cristãs foi inicialmente uma Teologia Espiritual, pois os escritos apostólicos e dos autores cristãos mais antigos, o Padres da Igreja, como os denominamos, visam iniciar os recém-convertidos no mistério cristão e assegurar, com base nas Escrituras, a fidelidade a Deus, tal como se revelou em Jesus e se comunica, no Espírito, a todos os humanos.

A Teologia passou por importantes modificações através da história. No alvorecer do segundo milênio, por exemplo, foi levada a dar prioridade às verdades da fé, ao procurar sistematizar o ensino cristão de acordo com as exigências da lógica filosófica, de padrão grego. Depois, o primado parece ter passado à Teologia Dogmática e à Moral, que sublinham a autoridade das verdades ensinadas pela Igreja e procuram definir as regras do comportamento cristão num mundo que tende cada dia mais a se secularizar.

A Teologia Espiritual voltaria a adquirir importância a partir do século XIX. O desenvolvimento das diversas correntes espirituais dentro da Igreja, as várias espiritualidades, como se passaram a denominar, começaram a ser abordadas numa perspectiva histórica, que reclamava uma sistematização. Foi para responder a essa necessidade de sistematizar o ensinamento espiritual da Igreja que começaram a surgir os chamados tratados ascéticos e mística, depois denominados Teologia Espiritual.

Por outro lado, os movimentos de renovação litúrgica, patrística e bíblica, que se tornaram centrais em meados do século XX, nas perspectivas do Concílio Vaticano II, acentuavam a importância que se deve atribuir à vida humana, marcada pela vocação à comunhão com Deus. essa perspectiva antropológica exigia que se considerasse o agir cristão não apenas à luz da retidão moral, muitas vezes resumida na obrigação de fidelidade à lei, mas principalmente como caminho para a perfeição cristã, de que se devia ocupar precisamente a Teologia Espiritual.

O Papa João Paulo II, lembra que a santidade deve ser colocada no centro de todas as demais preocupações dos cristãos. Era a assunção, pela Igreja, da importância primordial da questão da espiritualidade, que voltou a figurar entre as grandes preocupações da humanidade. Nesse contexto a Teologia Espiritual passa também a ocupar um lugar de destaque, tanto no seio da Igreja como no centro de seu diálogo com o mundo, pois outra coisa não é senão a análise sistemática da espiritualidade cristã.

Portanto, no limiar de nossas reflexões de Teologia Espiritual, partimos da consideração da espiritualidade, no seu sentido amplo, enquanto envolve a qualidade de que se deve revestir toda a atividade humana, por estar voltada para o progressivo aperfeiçoamento do ser humano, como criatura espiritual, vivendo na história e chamada à comunhão com Deus.

## ***RELAÇÃO ENTRE ESPIRITUALIDADE E TEOLOGIA***

### ***a) UNIDADE, SEPARAÇÃO E NOVA UNIÃO***

A palavra espiritualidade é considerada por muitos como filha da modernidade, pois sua origem remete-se à escola do século XVII, como designação da relação pessoal do humano com Deus. No entanto, em sua forma “abstrata”, remonta à época patrística, pois aí se encontra um texto – por séculos atribuído a Jerônimo, mas que em realidade pertence a Pelágio – na qual aparece a frase “Age ut in spiritualitate proficias”, designando com esta expressão o conceito de espiritualidade como vida segundo o Espírito de Deus e como progressão aberta a realizações ulteriores ou na perfeição da vida segundo Deus.

No judaísmo o termo ruah (espírito, respiração, vento, ou seja, tudo aquilo que dá vida individualizada e o poderio de Javé que atua sobre seu povo como dom profético e como sabedoria personificada. Da experiência cristã surge a afirmação da pessoa divina do Espírito Santo e a visão da espiritualidade da própria existência.

Na Bíblia não se encontra uma teoria sobre a espiritualidade, mas sim seus conteúdos, especialmente em Paulo. Encontramos com frequência o convite a viver como “homens espirituais” (1Cor 2,13; Gl 6,1; Rm 8,9), a viver “na perfeição da santidade, espírito, alma e corpo” (1Ts 5, 23). Com esta exortação Paulo queria sintetizar o estilo de vida do cristão: a vida cristã devia ser entendida como vida dominada pelo Espírito do ressuscitado, como vida de membros da Igreja, como abertura existencial a toda humanidade e como espera da plenitude futura para o ser humano e para o cosmo (Rm 8).

O cristianismo do primeiro milênio não conheceu a cisão entre dogmática e espiritualidade. A palavra da Escritura era portadora e suporte da fé cristã: a letra significava a superfície, a alegoria era a realidade dogmática e salvífica expressa pela letra, a moral consistia na apropriação pessoal desta realidade, e antropologia mostrava a orientação à salvação escatológica.

Do século IX ao século XI, espiritualidade indica realidade e atividade que não provêm da natureza, mas da graça do Espírito Santo presente no ser humano. A partir do século XII, a homogeneidade de significado se decompõe: “espiritualidade” mantém o

sentido de sobrenatural, mas também passa a designar aquilo que não é material, quando seu uso se associa ao discurso da vida devota e interior, equivale a vida afetiva ou interior.

A partir de fins do século XII e durante todo o século XIII, na Igreja Católica do ocidente, o discurso teológico tende a revestir uma forma científica, que se distancia sempre mais da teologia concebida como comentário do texto sacro e aproxima-se da pesquisa filosófica: o teólogo esforça-se em determinar os conteúdos objetivos do texto sacro por meio de questões, ao passo que o monge entrega-se à meditação das Escrituras. A teologia, distinta da exegese, subdivide-se em especulativa ou dogmática, prática ou moral, afetiva ou espiritual. A geração dos grandes escolásticos é o último exemplo da unidade entre teólogo e santo, pois até então resultava incoerente a separação entre saber e experiência de fé, magistério e vida espiritual, pastor e doutor.

O termo francês *spiritualité* já era empregado desde o século XII. A partir do século XVII foi usado tanto para designar as relações afetivas com Deus (Francisco de Sales), como para referir-se ao conhecimento interno e direto do divino ou sobrenatural. Mas a crise do quietismo fez com que o argumento fosse desprezado, sobretudo o setor da mística; nesse mesmo século a espiritualidade dividiu-se em ascética e mística.

O renascimento da terminologia se deu desde fins do século XIX, e no XX, graças a autores como de Guibert, Pourrat, Bremond, Vernet: a espiritualidade passou a designar a vida espiritual enquanto experiência vivida, e também o nome de uma disciplina acadêmica.

A cátedra universitária de espiritualidade foi instituída em Roma a partir de 1917, porém os trabalhos, no sentido de sistematizações lógico-formais, remontam ao século XVII. Os pioneiros dessa cátedra foram os dominicanos, seguidos depois pelos jesuítas, franciscanos e carmelitas. Num primeiro momento preferiu-se chamá-la cátedra de ascética e mística. Evoluindo-se, conseguiu a dignidade de ensino obrigatório nas faculdades teológicas católicas (Pio XI na Deus scientiam Dominus, 31 de maio de 193), propôs a criação da cátedra de teologia ascética e mística em todas as faculdades teológicas.

No século XX, introduziu-se o uso de “espiritualidade”, no sentido de escolas espirituais. O mérito de se ter chegado à teologia espiritual pertence aos dominicanos, jesuítas e carmelitas, por meio das reflexões sobre suas escolas de espiritualidade. O último passo, a partir de 1950, foi a fundação de institutos de espiritualidade.

## ***CONCEITOS BÁSICOS.***

A fim de clarificar os termos empregados sobre a teologia da espiritualidade cristã, destacaremos os seguintes vocábulos:

\* **Espiritualidade:** Conjunto de princípios e práticas que caracterizam a vida de um grupo de pessoas referido ao divino, ao transcendente; à vida no Espírito – o que se faz com aquilo em que se acredita; as diferentes maneiras pelas quais se experimenta a transcendência – o modo segundo o qual a vida é concebida e vivida.

\* **Espiritualidade cristã:** vida no Espírito Santo, ou a própria vida cristã (orienta-se para Deus, através de Cristo, no Espírito Santo); as diferentes maneiras de experimentar e

fomentar a vida em Cristo; realidade vital que se edifica sobre o dom da graça; uma crescente comunhão com Deus, na qual a força do Espírito Santo conduz a uma progressiva espiritualização (compenetração do espírito de Cristo), tornando o cristão capaz de acolher e conhecer os segredos de Deus; é uma realidade teologal.

\* **Escola de Espiritualidade:** conjunto de elementos característico da vida e doutrina espiritual comuns a um grupo de pessoas ligado a um fundador dotado de personalidade religiosa.

**- Elementos constitutivos:**

- a) intuição e experiência pessoal de Deus;
- b) influência do ambiente socioreligioso e do próprio temperamento pessoal;
- c) resposta às exigências históricas do povo de Deus;
- d) relevamento de aspectos do mistério de Cristo e hierarquia original dos meios de santidade;
- e) estilo singular de vida: métodos de oração, meios ascéticos, práticas comunitárias e formas de apostolado.

- **Ascese: askesis** = exercício, treino; esforços graças aos quais se procura progredir na vida moral e religiosa.
- **Mística: mystikós** = que foi iniciado nos mistérios (realidade secreta, escondida ao conhecimento ordinário); realidade escondida que se propõe a um tipo de experiência que conduz à união com o absoluto. Alguns autores sugerem que os termos “espiritualidade” e “mística” são apenas maneiras diversas de se referir à relação pessoal com Deus; enquanto outros admitem que a mística seja um tipo especial de espiritualidade que enfatiza a experiência pessoal direta com Deus.
- **Experiência mística:** iniciativa de Deus que faz com que a pessoa participe de seu próprio mistério, embora na obscuridade de um conhecimento inadequado à sua transcendência; estado da vida espiritual em que Deus se manifesta à pessoa de modo sensível – a intensidade do sentimento da presença de Deus é tão clara, que o místico tem totalmente a certeza de que Deus está nele.